

---

VIENNA.  
IMPERIAL E REAL TYPOGRAPHIA. 1864.

---

# POESIAS AVULSAS

POR

D. J. G. DE MAGALHAENS.



RIO DE JANEIRO  
LIVRARIA DE B. L. GARNIER  
RUA DO OUVIDOR N.º 99

1864.

# ELOGIO DRAMATICO

EM APPLAUSO DO DIA ANNIVERSARIO DA

INDEPENDENCIA DO BRASIL

REPRESENTADO NO THEATRO PARTICULAR

DA RUA DOS ARCOS

EM 7 DE SEPTEMBRO DE 1831.

---

INTERLOCUTORES.

O BRASIL

A LIBERDADE

Ó FADO

CORO DAS PROVINCIAS.

*Vista de aprazivel bosque nas margens do Rio de Janeiro.*

## SCENA 1ª.

O BRASIL ASSENTADO DEBAIXO DA ARVORE DA INDEPENDENCIA,  
E LADEADO DO CORO DAS PROVINCIAS.

CORO.

O Dia brilhante,  
De eterna memoria,  
Para nossa gloria  
De novo brilhou.

Só o Despotismo,  
No Cócyto horrendo,  
Os dentes rangendo,  
De raiva chorou.

Apenas ergueo-se  
Nos braços da Aurora,  
O imperio de Flora  
Alegre o saudou.

Só o Despotismo,  
No Cócyto horrendo,  
Os dentes rangendo,  
De raiva chorou.

Do cume dos montes,  
Dos valles ao fundo,  
Um prazer profundo  
Se manifestou.

Só o Despotismo,  
No Cócyto horrendo,  
Os dentes rangendo,  
De raiva chorou.

O côro volátil,  
Os ninhos deixando,  
De gosto pulando,  
O canto soltou.

Só o Despotismo,  
No Cócyto horrendo,  
Os dentes rangendo,  
De raiva chorou.

O BRASIL. (LEVANTANDO-SE.)

Sim, de novo brilhou na ethérea plaga  
O dia caro a mim, caro a meus filhos.

E a gostosa emoção que me arrebatava,  
 O suave prazer que me electriza,  
 Mal me deixam soltar gratos louvores  
 Ao Céu que me outorgou tão grato dia.  
 Oh como é lisonjeiro, oh como é doce,  
 Depois de espessa e tormentosa noite,  
 Ver surgir a manhã serena e bella,  
 De rosas e jasmims toucada a fronte!  
 Oh como é lisonjeiro olhar-se em torno,  
 E ver longe de si morrer os dias,  
 Dias de escravidão, dias do Inferno!  
 Como é bello, depois de arduas pelejas,  
 Depois da confusão das cruas guerras,  
 Da Victoria e da Paz cantar o dia!  
 O cheiroso ananaz, a doce manga,  
 Nectarios fructos dos meus ferteis campos,  
 Tão gratas sensações não nos despertam;  
 Nem tanto aprazem, nem convidam tacto  
 O olfacto e o paladar de quem os prova.  
 E posso eu suffocar neste momento  
 Expressões que o prazer me arranca d'alma?  
 Quando vejo avultar, em gloria minha,

Esta Arvore que a mão da Providencia  
 No meu solo plantou ha só dous lustros?  
 Esta Arvore por Deos abençoada,  
 Que a mais alta montanha assoberbando,  
 Quasi que roça o céu co'o tope de ouro?  
 Quantas vezes alli, naquelle tronco,  
 Esse dragão feroz, o Despotismo,  
 Os dentes amolou, cravou as patas!  
 Ah quantas vezes pretendêo raivoso  
 Esta Arvore assolar, seccar-lhe a rama!  
 Mas primeiro cahio, morrêo primeiro;  
 E esta Arvore existe, e eu respiro livre!  
 Já um tempo chorei, mas hoje exulto.  
 Já um tempo curvado sobre os ferros,  
 Eu mesmo... eu mesmo co'estas mãos abria  
 A dura terra, e aureo pó tirava,  
 E pedras preciosas, que eram presas  
 De uma madrastra, e de um Senhor tyranno.  
 Tantas riquezas!... entretanto eu pobre  
 Á face das Nações me apresentava!...  
 Barbaras pennas meu fraldão teciam,  
 Formavam meu cocár, sem mais enfeites.

Eu pizava um terreno todo de ouro,  
 Em que me collocou a Natureza;  
 Mas que enorme pressão sobre estes hombros  
 Me forçava a curvar! que atmosphera  
 Tão densa, tão pesada como o ferro  
 Por toda parte me gyrava em torno!  
 Hoje, graças ao Céu! um ar tão puro,  
 Qual o bafo vital que Deos exhala,  
 Meus campos favonêa, e os vivifica.  
 O que herdei da Natura é de meus filhos;  
 Pertence a elles sós os meus thesouros!  
 Já brilha, já ressumbra nos seus olhos  
 Do amor da Patria o sacrosancto fogo  
 Que abrasa os corações, e a mente eleva.  
 Graças á Liberdade, e á Independencia!  
 Mas que vejo? que pulchra deosa é esta?  
 Sim, eu te reconheço, oh Liberdade!

## SCENA 2ª.

## O BRASIL E A LIBERDADE.

## A LIBERDADE.

Eu, filha do immortal que os orbes rege,

Meu berço tenho no celeste alcáçar,  
 Onde proscripta pelos homens vivo;  
 E não sem causa destaquei-me á terra  
 Neste dia que é teu, mimo dos numes.  
 Eu, filha do Immortal, qual elle, prezo  
 Os homens em quem eu na idade de ouro,  
 Primavera do Mundo, achei abrigo;  
 Nesse tempo em que a candida Verdade  
 Segura passeava a terra toda;  
 Feliz tempo em que a madre Natureza  
 Não chorava de horror por ter gerado  
 Caligulas, e Neros; nem gemia  
 Co'o peso dos fundidos, ôcos bronzes,  
 Copias do Inferno, que vomitam raios.  
 Entre os homens vivi, fui-lhes bemquista.  
 Mas pouco a pouco os homens se esqueceram  
 Que eram prole de um Deos, imagens d'elle.  
 Eis os homens em monstros convertidos;  
 Eis o crime na terra alçando a fronte;  
 Eis punhaes, eis grillhões, lanças, espadas,  
 Cadafalsos, fogueiras, guerras, mortes,  
 Enfim o Mundo em confusão submerso

Ao Inferno disputando o horror de tudo.  
 Que devêra eu, fazer?.. fugir dos homens  
 Já degradados da primeira essencia.  
 Ao céo me remontei, onde nascêra.  
 De lá eu vi com dôr, que inda me anca,  
 Nações contra Nações, que hoje são cinzas.  
 Vi contra mim conspirações terriveis:  
 Vi Cabral, vi Colombo mais que affoutos,  
 Por insolitos mares divagando,  
 Trazer cordas, grilhões, trazer os vícios,  
 E o veneno da Europa, em troco de ouro,  
 Às incultas Nações Americanas.  
 Eu vi de Montezuma a Patria em ferros,  
 E dos Incas a terra profanada  
 Pelos duros Cortezes, e Pizarros.  
 Mas os homens alfim já me procuram;  
 E dos pulsos os ferros saudindo,  
 A despeito das iras dos tyrannos,  
 Novos altares, novos templos me erguem.  
 É justo socorrer a quem me invoca.  
 Mas eu quero, oh Brasil, logar seguro  
 Para firmar meu throno; e no teu solo,

Que o céo retrata na riqueza, e brilho,  
 Encontro tudo o que encontrar desejo.  
 Eis da minha missão exposta a causa.

## BRASIL.

Oh deosa bemfazeja, oh Liberdade,  
 Por quem se torna só prezada a vida!  
 Que nectar divinal tu hoje entornas  
 Neste meu coração a ti votado!  
 Com que gosto ouvirão meus caros filhos  
 Esta nova tão grata e lisonjeira!  
 Fica, oh deosa, em meu solo; fica, e conta  
 Em cada coração de um Brasileiro  
 Um seguro degráo para teu throno,  
 E este meu coração conta por base.

## LIBERDADE.

Oh ditoso Brasil! a tí, e a todos  
 Este dia sem par será eterno.  
 Com letras de esmeralda em folhas de ouro  
 Nos fastos teus lerá com gosto e pasmo  
 Do Mundo a geração a mais remota

O Pacto social que hoje fundamos.  
 Rebente embalde o Despotismo as redeas,  
 Embalde contra ti se arroje o Inferno;  
 Livre sempre serás, nada receies.  
 Oh ditoso Brasil, propicio o Fado  
 Que brilhante porvir te não reserva!

## SCENA 3.

OS MESMOS, -E O FADO.

FADO.

O porvir mais brilhante eu te reservo,  
 Que gravado uma vez no livro eterno  
 É lei irrevogavel, não se altera;  
 Eu mesmo que lavrei, não posso eu mesmo  
 O decreto apagar por mim sellado.  
 E quem se atreverá? quem ha que possa  
 Á vontade do Fado oppor barreiras?  
 Si o Senhor do trovão, Senhor do raio,  
 Jove supremo, que entre sóes habita,  
 Respeitoso obedece ao meu mandado?  
 Tão vasto é meu poder como o Universo;

Eu só dou riso, dou ventura, ou mágoas,  
 Sem ser preciso abandonar meu antro,  
 Para ir noticiar as leis que dicto;  
 Mas quando ao Fado apraz vem elle proprio  
 Sua vontade ler aos seus mimosos.  
 Nem outra causa me arrancou da Estancia  
 Para vir te encontrar, Brasil ditoso,  
 Neste dia que é teu, que o Fado zela.  
 Eu venho confirmar a sacra alliança  
 Que a filha do Immortal contigo ha feito:  
 D'ella verás nascer tantas venturas,  
 Que a inveja tu serás das Nações todas;  
 E todas as Nações nas tuas praias  
 Lições virão colher de amor da Patria,  
 E beijar o terreno sacrosaneto,  
 Onde seu ninho tem a Liberdade.  
 Tu verás, oh Brasil, de dia em dia  
 Os Filhos teus nascer com tal nobreza  
 Que rivaes só terão no sacro Olympo!  
 Tu verás prosperar a tua industria;  
 Entre o ouro, que é todo o teu terreno,  
 Verás surgir os vegetaes mimosos,

Que excitam a cubiça aos Estrangeiros.  
 As artes e as sciencias de mãos dadas,  
 A tão bello painel darão esmalte.  
 Verás novos Homeros, novos Pindaros  
 Encher co'a voz sonora a tuba de ouro,  
 E a gloria Brasileira decantando,  
 Dar novo timbre ao Mundo Americano.  
 Verás a Natureza perlustrada  
 As chaves entregar dos seus arcanos  
 Ás mãos dos filhos teus, rivaes dos deoses.  
 Eis quanto o Fado ordena, eis quanto quero.

## LIBERDADE.

Do Brasil, e de mim a prol ordenas,  
 Tu, potente Senhor da Natureza,  
 Que em tudo imperas, que decretas tudo.  
 Nos bronzes immortaes da Eternidade  
 Seja gravada tua lei suprema  
 Com lettras indeleveis de diamantes.  
 Não se arrepende um Deos, não mente o Fado;  
 Oh ditoso Brasil! commigo exulta.

## BRASIL.

Oh que não cabe de um mortal no peito  
 As ondas de prazer em que me inundo!  
 Longo mar que por longo espaço róla  
 Não póde acantoar-se em breve concha!  
 Quantos bens neste dia já tão grande  
 Derramar sobre mim ao Céu aprouve!  
 Esgotada parece a Natureza!  
 Nem mais eu posso desejar do Fado,  
 Nem mais o Fado me outorgar podia!  
 Ah! como agradecer tantos favores?  
 Silencio expressador de gosto e pasmo,  
 Melhor que as vozes, e escolhidas phrases,  
 A minha gratidão publique ao Mundo.

## FADO.

Não param nisto só os meus favores,  
 Nem longe está de ti o teu destino.  
 Neste dia, o maior entre os teus dias,  
 Dar-te quero uma prova, leve cópia  
 Da sorte original, que te eu reservo.



Neste mesmo lugar, ante os teus olhos,  
 O templo vou erguer da Liberdade;  
 Verás n'elle, oh Brasil, o tenro Infante,  
 Que te ha de conduzir ao teu destino.  
 Eil-o alli.....

*(Apparece o retrato do Imperador D. Pedro II,  
 no templo da liberdade.)*

BRASIL, E LIBERDADE.

Oh prazer! oh gloria extrema!..

CORO.

O Dia brilhante,  
 De eterna memoria,  
 Para nossa gloria  
 De novo brilhou.

Só o Despotismo,  
 No Cócyto horrendo,  
 Os dentes rangendo,  
 De raiva chorou.  
 etc. etc.



LIVRO SEGUNDO

POESIAS VARIAS.